TEMOS O PRAZER DE APRESENTAR:

O JORNAL DO CAEP
25/10/18

Sumário

Entre Aspas: Rodrigo Sampaio 04

Você Sabia?: História do CRUSP 05

Utilidade Pública: Inclusão e permanência 06

Diário do Intercambista: Intercâmbio pela AIESEC 07

CAEPinforma: Qibêbadas e Equilibristas 09

Nossa Sugestão: Farol Santander 10

Lista: Engenheiros célebres 12

Playlist: Covers 14

CAEPipoca: Sobrevivência 15

Série da Vez: Brooklyn Nine-Nine 19

CAEPanela: Cuscuz de tapioca 20

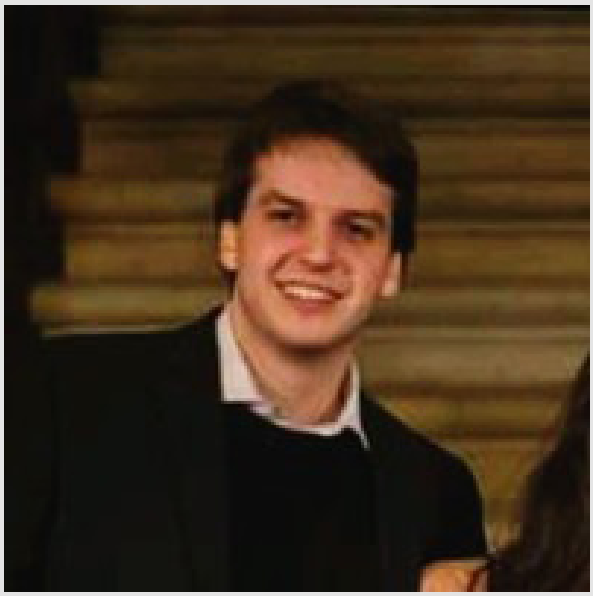
Ateliê 20

Joguinho: Liga ponto 21

Rodrigo Sampaio

Por Vitor Eike, Clarissa Mendes e Isabella Amatuzzi

Formado ano passado em Engenharia Civil, Rodrigo Sampaio entrou como estagiário na Pragmatis Consultoria em junho de 2017 e, após se formar, está trabalhando, atualmente, como consultor. Na entrevista, nos conta um pouco sua trajetória na Poli e o que ela proporcionou em sua vida.



Por que você escolheu fazer Engenharia Civil?

Eu escolhi engenharia porque ia bem de matemática e física na escola. Passei em civil e fiquei os primeiros anos do curso vendo com o que poderia trabalhar. Como a engenharia que eu fizesse não faria diferença pra carreira que escolhi, fiquei na civil mesmo.

Como a Poli contribuiu para sua formação?

A Poli é muito puxada e também força bastante o lado analítico. No final você acaba aprendendo a se virar, a aprender sozinho e desenvolvendo uma boa base analítica, o que te ajuda em qualquer carreira. Além disso, a Poli me permitiu fazer intercâmbio e participar de competições acadêmicas bem fortes. Nessas ocasiões aprendi vários conceitos que uso no trabalho e que provavelmente não teria visto em outros cursos por aqui.

Quais os principais desafios que você enfrentou ao entrar no mercado de trabalho?

Meu trabalho envolve vários conceitos que eu nunca tinha visto. Questões de negócios, finanças, gestão, coisas que não vi na faculdade e com as quais nunca tinha trabalhado. Acho que o mais difícil (e também uma das partes mais interessantes) é, a cada projeto, ver um monte de coisa nova e discutir com gente com anos de experiência na área sobre esses problemas.

Você trabalha em consultoria, você pretende continuar na área? Tem interesse em outras áreas?

Pretendo continuar na área, pelo menos por um tempo. Conheci melhor algumas áreas nas quais fiz projetos. Achei algumas interessantes, mas acho que o mais legal de consultoria é exatamente isso: passar alguns meses em um projeto de um tema específico de uma indústria específica e nos meses seguintes trabalhar em outra indústria, com outro tema, com outro cliente.

Você participou do HandPoli, o que o handebol te proporcionou?

Os melhores momentos da faculdade. Conheci meus melhores amigos lá. Foram várias viagens, inters, campeonatos, treinos, pizzas pós treino, do primeiro ao último ano de faculdade. Era a parte boa da Poli. Ter uma rotina casa-aula-casa deve ser insuportável. Além da diversão, participar de times, organizações e atividades extracurriculares em geral te dão experiências que completam sua formação acadêmica, principalmente sobre questões de trabalho em grupo. Aos poucos você aprende a lidar com outras pessoas, pessoas bem diferentes, aprende a coordenar a equipe em que você tá. Você toma decisões. Às vezes essas decisões valem um jogo, às vezes um inter. É um primeiro contato com uma organização, com tudo que ela envolve e você vê como dá trabalho fazer as coisas acontecerem. No final são várias perspectivas e lições novas que você ganha e que curso nenhum te passa.

Faz apenas um ano que você se formou, você sente falta da Poli?

Com certeza. Ir treinar toda semana, chegar antes do treino pra ficar falando da besteira que algum amigo fez na última festa, ir pra festa depois do treino, encontrar seus amigos aleatoriamente pela faculdade e ir tomar cerveja na atlética (quando ainda podia) ou

no rei. Essas pequenas coisas que aconteciam todo dia, toda semana, são o que eu mais valorizo e o que mais fazem falta da Poli.

O que você vê de mais diferente na sua rotina atual com a que você estudava na Poli, era mais cansativo?

Em semana de provas, era muito mais cansativo, com certeza. Não só pelo tempo, mas pela pressão e pelo "preciso aprender tudo isso pra amanhã". Mas, em geral, não. Hoje eu trabalho com algo que eu gosto. Passar 10 horas num dia resolvendo um problema que me interessa passa muito mais rápido do que 90 minutos de alguma aula que eu odiava. A diferença é que na Poli eu podia simplesmente não ir pra aula algum dia em que estivesse cansado ou ir almoçar com uns amigos e miar da aula da tarde. Agora não tem mais essas coisas.

História do CRUSP

Você Sabia?

Por Lucas Freiria

Em 1963, a cidade de São Paulo se preparava para receber a quarta edição dos Jogos Pan-Americanos. O evento contaria com quase 1700 atletas participantes das mais diversas nacionalidades, além de estrear modalidades que se tornaram fundamentais ao evento, como o judô.

A USP, que sediaria algumas modalidades, também foi incumbida de receber todos os atletas. Para tal, realizou um projeto arquitetônico que contou com a construção de 12 blocos de moradia dentro do campus universitário. As delegações se hospedaram nesses blocos e os jogos aconteceram normalmente. À época, havia rumores de uma promessa da reitoria de que, após a despedida dos jogos, os prédios levantados seriam usados para a moradia estudantil.

Quando enfim os jogos acabaram e os alunos reivindicaram os apartamentos, a reitoria barrou a ação e impediu o uso dos blocos. No ano seguinte, pouco mais de dez alunos resolveram ocupar dois andares do bloco A e ali se estabeleceram. A partir daí, as ocupações só aumentaram e não havia outra saída para a reitoria senão regulamentar a estadia dos alunos e criar órgãos de fiscalização e manutenção.

Porém, em 1968, no contexto da ditadura militar e da promulgação do Ato Institucional 5, os militares começaram a invadir o CRUSP, que era sede não só da organização estudantil como de algumas guerrilhas urbanas. Sempre que algum militar entrava no

conjunto de blocos, os alunos gritavam “canalha!” em suas janelas para avisar os outros alunos da presença dos ditadores. A cultura de gritar “canalha” na janela é mantida até hoje no CRUSP.

Os militares, de maneira abrupta e violenta, expulsaram todos os moradores do conjunto habitacional estudantil, e só mais de dez anos depois, em 1979, com o processo de redemocratização e anistia, que os estudantes passaram a reocupar o CRUSP.

Daí em diante a história da moradia estudantil da USP se tornou cíclica, pois os moradores e a reitoria passaram a viver em constante embate de ocupação e desocupação dos blocos, entraves burocráticos e resistência. Hoje, o CRUSP conta com oito blocos usados para moradia dos alunos e dois blocos utilizados pela reitoria como depósito - apesar da alta demanda dos ingressantes por um apartamento.

Inclusão e permanência

Por Bruna Soares de Oliveira

A realidade da Escola Politécnica aos poucos está começando a mudar. Como universidade pública, espera-se um ambiente acessível, plural e inclusivo, mas o atual cenário ainda está muito distante do ideal. A quantidade de alunos vindos de escola pública, negros e pardos nas universidades públicas ainda é pequena e não corresponde à realidade da população brasileira. Em cursos considerados "socialmente nobres" como, por exemplo, engenharia e medicina, essa discrepância se torna ainda mais evidente. Em 2016, segundo a Folha de São Paulo, 59% dos alunos ingressantes na Poli pertencem a classe A, ou seja, à elite econômica brasileira.

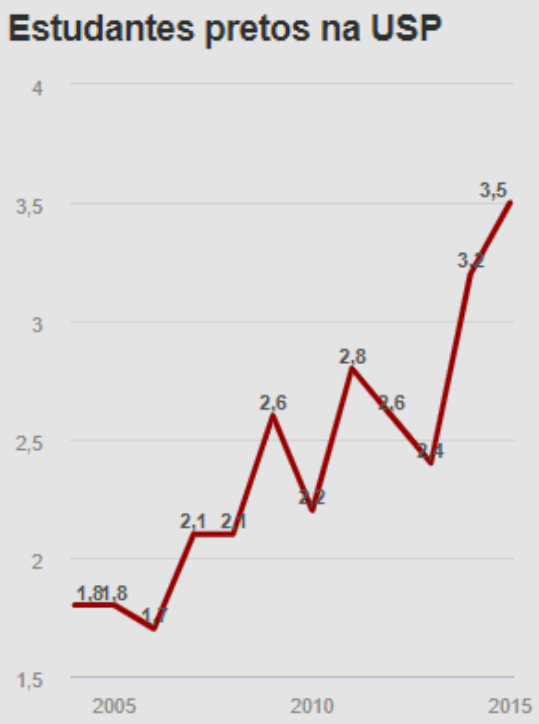
O ensino público deixa muito a desejar e a concorrência com os colégios particulares é desleal. Quando não há igualdade de oportunidades não há uma competição justa no vestibular. Sistemas de cotas, reservas de vagas, acréscimo de nota, Fies, Prouni e uma série de medidas foram tomadas para mitigar essa desigualdade. No entanto, o problema é bem mais profundo e está na base da sociedade, é algo estrutural. Atrelada a essas mudanças, a melhora efetiva da educação pública deve ser promovida pelas autoridades. Tal fato não é nenhuma novidade, o difícil é entendermos o motivo pelo qual as providências necessárias não são tomadas a essa altura do campeonato.

Ao Datafolha, também em 2016, apenas 11% dos alunos ingressantes na Poli se declararam pardos e nenhum negro. Esse é dado é, no mínimo bem estranho em um país onde uma porcentagem bem maior, aproximadamente 55% da população brasileira (IBGE - 2017) se declara negra ou parda. Na USP como um todo, 14% dos alunos se declararam pardos e 4% negros.

Porém, a inclusão de alunos passa não só pela reserva de vagas ou sistema de cotas, mas também pela permanência. Muitas vezes os alunos não têm como arcar com os custos e gastos inerentes a estudos, livros, eventos e o dia a dia universitário. Além disso, o conhecimento de inglês acaba sendo um pré requisito não explícito para os estudos de algumas disciplinas. Essas questões devem ser discutidas e avaliadas por todos, para que essa realidade possa de fato se modificar. As pessoas mais carentes são as que mais precisam da universidade pública para melhorar sua qualidade de vida, a de sua família e a desigualdade gigantesca que persiste no Brasil. É inaceitável um aluno desistir da USP por questões de permanência, educação é um direito.

"Em 2016, apenas 11% dos alunos ingressantes na Poli se declararam pardos e nenhum negro. Esse é dado é, no mínimo bem estranho em um país onde uma porcentagem bem maior, aproximadamente 55% da população brasileira (IBGE - 2017) se declara negra ou parda"

O CAEP tem adotado ações para incluir aos alunos que ingressarem na engenharia de produção e tem promovido a discussão de questões sociais através do Calendário Representativo. Praticamente toda semana um texto é postado na página do CAEP tratando de assuntos que passam pelos mais variados assuntos. Esses temas são bem complexos e abordam sempre a representatividade. Além disso, a mesa de doces do CAEP está tendo seu lucro revertido para um fundo de permanência, e todas as festas possuem um lote solidário para aqueles que não podem pagar. O desejo é de incluir sempre, pois TODOS temos os mesmos direitos.



Fonte: FUVEST

Intercâmbio pela AIESEC

Diário do Intercambista

Por Daniela Machado, Fernando Ferri, Lucas Miyazaki e Viviane Mielli

A AIESEC é uma organização sem fins lucrativos reconhecida pela UNESCO, fundada após a Segunda Guerra Mundial por sete jovens que sonhavam em mudar o mundo. Hoje, a organização está presente em mais de 120 países e conta com cerca de 54 mil voluntários para entregar experiências de intercâmbio que promovam o desenvolvimento de liderança em jovens. Liderança para a AIESEC é fundamentada em cinco pilares, sendo eles ser um cidadão do mundo, orientado para a solução, ter o poder de empoderar pessoas e desenvolver autoconhecimento.

São oferecidos três tipos de intercâmbios: o Voluntário Global, o Empreendedor Global e o Talento Global. O primeiro oferece a oportunidade de realizar voluntariado em ONGs e escolas ao redor do mundo, em países da América Latina, Leste Europeu, Ásia e África. Já o Empreendedor Global possibilita a experiência de trabalho em uma startup para atuar em áreas como Marketing, T.I., Administração ou Design. O Talento Global, por fim, permite que o intercambista realize um estágio internacional, trabalhando em áreas como Finanças e Gestão.

A Toca reuniu o depoimento de três pessoas que fizeram o intercâmbio Voluntário Global pela AIESEC, confira:

Lucas Miyazaki

"Sobre minha viagem para Colômbia com a AIESEC, posso dizer que passei por vários apertos e dificuldades, mas para mim foi uma das melhores experiências de vida. Quando cheguei a Barranquilla, cidade onde passei as minhas 6 semanas do voluntariado, era de madrugada. Um cara que a empresa indicou iria me buscar no aeroporto.

Estávamos nas redondezas da casa onde eu iria morar (um lugar super feio na periferia) tentando contactar alguém da AIESEC, porque o endereço que tinham me passado estava aparentemente errado. Quando, de repente, uma moto passou a toda e levou o espelho retrovisor do carro. Já estava nervoso, fiquei ainda mais.

Por sorte, algum tempo depois, uma menina chamada Mariana, respondeu a mensagem no whats

e falou para eu passar a noite na casa dela. No final eu acabei ficando definitivamente lá e foi muito bom. A casa ficava em uma região nobre da cidade e muito bem localizada.

Na primeira semana eu me senti um pouco sozinho, um pouco deslocado. Eles falam um espanhol muito enrolado, cheio de gírias e muito rápido, então, quando estão conversando entre si era quase impossível de entender. Com o tempo, eu fui conhecendo mais gente, mais estrangeiros, a partir daí a viagem ficou sensacional. Viajei pra caramba por um preço baixo, fui para muitas festas (as festas da Colômbia são muito boas) e aprendi bastante sobre cultura e gírias locais.

O meu trabalho lá não era o que eu estava esperando. A ONG era extremamente desorganizada e dava pouco apoio. O lado bom é que tínhamos plena autonomia de tocar qualquer projeto na comunidade.

Eu fazia um trabalho com crianças. Algumas delas se apegam muito. Elas são muito carentes de carinho, então, o pouco de atenção que eu dava ao longo da manhã já fazia com que no final do dia elas não quisessem mais que eu fosse embora. Elas se agarravam na minha perna e não soltavam mais. O motivo dessa carência era nítida na criação que os pais davam. Você via como alguns pais tratavam os filhos, era com muita violência e gritaria, parecia ter pouco diálogo.

Um conselho. Se você está a fim de ir, vá com a cabeça aberta. Não vá achando que será super divertido, porque pode ser que não seja. Também não ache que você é o salvador dos oprimidos e que vai lá pra

causar um mega impacto na população local, porque a diferença que você fará na vida deles em 2 meses é mínima. Vá com uma mentalidade de crescimento pessoal. Porque é isso que essa viagem vai te proporcionar."

Fernando Ferri e Daniela Machado

"Nas férias de janeiro, nós decidimos fazer um intercâmbio voluntário pela AIESEC de 4 semanas em Buenos Aires na Argentina, um programa experimental de menor duração. A frente do nosso projeto foi o The Andes Way, focado no Objetivo de Desenvolvimento Sustentável da ONU de número 17: Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável. As oportunidades de intercâmbio dentro do The Andes Way geralmente são mais focadas em marketing digital, busca por patrocínios e parcerias, crowdfunding, etc. Porém, quando chegamos lá, a ONG que iríamos trabalhar já possuía diversas parcerias consolidadas, e sua maior necessidade era na verdade uma reforma em seu website, pois já estava muito desatualizado possuindo um design não tão atraente. Então, como todo bom politécnico, nós tivemos que aprender na marra a programar. Infelizmente, nossos conhecimentos em Python de MAC não foram tão úteis porque as linguagens de programação pra web design possuem uma lógica um pouco diferente. Mas a gente deu um jeito, queríamos realmente ajudá-los. A ONG se chamava Institución Fátima e ela trabalha com pessoas surdocegas portadoras de deficiências mentais. Ficamos muito tocados pelo trabalho da instituição e também criamos um laço muito forte com os funcionários e outros voluntários. Porém tivemos pouco contato com as pessoas surdocegas porque as atividades da ONG estavam suspensas nas férias, além de estarem reformando toda estrutura física. Se alguém quiser conferir o site que fizemos, é só acessar https://institucionfatima.com.ar/.

Ficamos hospedados em um hostel no centro da cidade, onde a maioria dos intercambistas da AIESEC também estavam. Era bom estar perto deles, mas o hostel em si não era nada bom, tudo era meio sujo ou velho. O banho era gelado todos os dias menos aos sábados, que era o dia em que os donos do hostel tomavam banho (!) e eles ligavam a água quente. Por mais que a localização fosse boa, nossa ONG ficava em outra cidade chamada Beccar (um distrito de San Isidro, do lado de Buenos Aires). Então pegávamos metrô, trem e ônibus todos os dias que íamos trabalhar.

Além do hostel, ficamos hospedados por uma semana no apartamento de um homem de 50 anos que vivia sozinho. Parece creepy? Sim, mas fomos lá porque a AIESEC tinha o hábito de ficar mudando as pessoas de alojamento por apenas alguns dias pra economizar gastos. Chegamos na casa dele morrendo de medo, mas ele foi super simpático e cozinhou pra nós. Ele nos cedeu seu quarto, enquanto ele dormia na sala. Inclusive, ele viajou por 4 dias e deixou a casa livre pra nós dois. O lugar era pequeno e ele era uma pessoa meio acumuladora e desorganizada. Quando ele viajou, fizemos uma ultra faxina e pudemos viver lá mais confortavelmente.

Passeamos muito e conhecemos a cidade inteira. Buenos Aires é uma cidade sensacional com milhões de coisas pra fazer. Fizemos duas amigas do Espírito Santo que trabalharam na ONG com a gente, e elas eram nossa companhia pra tudo. Fomos com elas em uns mil museus, igrejas, feirinhas e parques diferentes. Tinha uma balada de graça toda quarta feira com open pizza até meia noite. Não entendemos isso até hoje, mas somos gratos pelas pizzas.

Enfim, foi uma experiência incrível e temos algumas recomendações para todos que queiram fazer um intercâmbio voluntário pela AIESEC:

- Aproveite a oportunidade para conhecer ao máximo os outros intercambistas. Fizemos amigos de vários países, além de brasileiros de fora de São Paulo. Nos horários livres, o pessoal sempre marcava de sair pra conhecer a cidade, ir nas festas e até mesmo viajar de final de semana!
- Nem tudo acontece como o planejado. É necessário ir com a mente aberta. Foram alguns (muitos) perrengues que enfrentamos. Mesmo.
- A viagem pode sair muito barata (!!!). Fechamos o pacote com o escritório da AIESEC daqui com 80% de desconto na Black Friday. Por um preço bem acessível, conseguimos acomodação e duas refeições por dia durante um mês.
- Informe-se bem sobre a organização do escritório da AIESEC responsável por você lá. A AIESEC é constituída por jovens estudantes (assim como nós), que nem sempre são bem preparados para lidar com eventuais situações complicadas. Cada escritório possui uma avaliação, pesquise!
- Aproveite muito cada segundo! O tempo passa muito rápido e quando acabar a experiência você vai morrer de saudades. Ver seu projeto concluído, lembrar das amizades que você fez e dos lugares que conheceu é uma sensação indescritível. ”

CAEPinforma

Qibêbadas e Equilibristas

Por Olivia Cunha

Hoje, o CAEP e o coletivo feminista Politécnicas (R)existem, em uma linda parceria, organizarão uma Quinta&breja (a famosa Qib!), junto com o Centro Acadêmico Lupe Coltrim da ECA. Para quem não sabe o que é o uma Qib aí vai a descrição oficial:

“QUINTA E BREJA
TODA SEMANA
TODA 5F
MUITA BREJA
MUITA FESTA
MUITO SOM”

É um happy hour semanal que acontece há muitos anos na Vivência ECA, próxima à praça dos bancos e mais conhecida como "Prainha". A Qibêbadas e Equilibristas, nome escolhido para a Qib que o CAEP e o PR participarão, tem como tema mulheres fortes da história brasileira. A divulgação explora o tema compartilhando, em posts do Facebook, o perfil de algumas dessas mulheres, entre elas Pagu, Zuzu Angel, Marielle Franco, Elis Regina (intérprete da música “O Bêbado e a Equilibrista” que inspirou o nome do evento) e outras. Complementando o tema, a trilha sonora trará muitas artistas brasileiras de vários estilos musicais, para também lembrar a todos que a Capitu está chegando (festa organizada pelo CAEP, no dia 07/12, que só toca músicas brasileiras).

Por fim, quem levar um pacote de absorvente para a Qib ganhará um shot e esses serão doados para penitenciárias femininas.

A Qibêbadas e Equilibristas será no dia 25/10 a partir das 20h, na Prainha da ECA, não deixem de aproveitar esse eventão!

Farol Santander Nossa sugestão

Por Olivia Cunha e Vitor Eike

Divisão

1. Memória

i. Hall do Térreo*: nesse primeiro ambiente, você entra e já se depara com um lustre que são 9.987 peças de cristal iguais, 238 lâmpadas de filamento de led com 3 Watts cada na cor branco quente, pesando cerca de 1,5 toneladas e com 13 metros.

ii. Arte e Sucata: no período em que o prédio esteve desativado, uma grande quantidade de material acabou virando sucata. Vendo isso, Marcelo Stefanovicz pegou esse material e o transformou em objetos do cotidiano. O resultado você pode conferir espalhado pelo Farol, como mesas, luminárias, bancos, cadeiras.

iii. Espaço Memória:

• *Memória do 2: Uma viagem imersiva na história do Farol Santander:* o espaço conta um pouco da história da cidade de São Paulo e seu crescimento, através de um túnel de espelho, trazendo a combinação de imagens, sons e animações.

• *Memória do 3*: *Como era um banco na primeira metade do século passado?:* a história do 3º andar é uma viagem pela evolução bancária, onde você vai saber como funcionava a instituição bancária desde a década de 1950. A exposição ainda hospeda objetos do acervo de Memória Institucional da Coleção Santander Brasil.

• *Memória do 5: Uma sala da presidência com personalidade e que conta muitas histórias*: um dos maiores conjuntos de móveis de luxo produzidos sob encomenda após a 2ª Guerra Mundial pelo Liceu de Artes e Ofício, onde você encontra lustres da década de 1950, móveis entalhados artesanalmente em jacarandá.

As salas ainda guardam uma exposição permanente com os presidentes ao longo das muitas décadas de história do banco.

iv. Vista 360º: já imaginou painéis com a imagem da vista de todo o entorno do prédio? Utilizando material reciclado da reforma, a Vista 360º, por Vik Muniz, oferece tudo isso.

v. Mirante e Café do 26*: no Mirante e Café do 26 você pode viver 4 diferentes experiências:

• *O Mirante:* uma vista da cidade de São Paulo,com painéis explicativos, você poderá saber mais sobre os prédios em volta do edifício.

• *Brunch nos fins de semana:* o Café Suplicy oferece almoço de terça a sexta das 12h às 15h, sendo substituído por um brunch no final de semana das 10h às 16h. A seleção de pães, bolos, frutas, smoothies, sucos e cafés, com blend exclusivo, é feita em parceria com o chef Victor Dimitrov.

• Bem-vindo a 1947: o Farol Santander resgata a experiência de viver na cidade em 1947. O edifício tem uma relação especial com o café, já que ele foi construído para ser sede do Banco do Estado de São Paulo, que financiava a atividade cafeeira.

• Blend Exclusivo: o blend de cafés Suplicy é oferecido pelo Farol exclusivamente para seus clientes. Além de ser saboreado no local, o produto é vendido como um souvenir, para que os visitantes possam levar um pouco da experiência para casa.

2. Experiências

i. Arena do 8*: um espaço para provocações, encontros e eventos. O espaço físico, com um palco no centro da sala, foi projetado para aproximar palestrantes e audiência. A arena recebe, aos sábados, especialistas em desenvolvimento de negócios e cidades. Os debates são abertos ao público, basta adquirir os ingressos pelo site.

ii. Pista do 21*: projetada pelo multicampeão de skate Bob Burnquist, na pista do 21, você pode aproveitar e fazer suas manobras. Basta reservar uma hora ou agendar uma aula com um dos professores.

iii. Loft do 25*: com 400m² e cozinha equipada, o espaço comporta diferentes formatos de eventos até 40 pessoas.

3. Exposições

i. Trem das 11 (de 24/07 a 30/12 de 2018):

• Terça a Sábado das 9h às 20h
• Domingo das 9h às 19h
• 19º e 20º andar

Um dos grandes ícones da música paulistana, Adoniran Barbosa, agora ganha uma homenagem numa exposição em dois andares do Farol Santander. Mais de 100 peças do seu acervo pessoal, entre fotografias, discos, vídeos, partituras, documentos e outros objetos, foram dispostas de maneira que o visitante faça uma viagem pelas obras e pela vida do famoso sambista, que soube cantar os personagens de São Paulo como ninguém. É muito emocionante entrar nas salas da exposição ao som de "O Trem das Onze", "Saudosa Maloca" e "Samba do Arnesto". Sua maneira peculiar de cantar com o português errado foi uma característica marcante, mas não escondia o brilho e talento deste grande compositor. Sua vida está simbolizada nesta bela mostra que também é um retrato de São Paulo e dos imigrantes que nela habitam.

ii. Luz e Arte - reflexão e emissão

• De 02/10 de 2018 a 06/01 de 2019
• Terça a Sábado das 9h às 20h
• Domingo das 9h às 19h

Feita pela dupla brasileira de artistas Gisela Motta e Leandro Lima e o coletivo italiano None Collective, apresentam com exclusividade instalações de arte imersiva que utilizam a luz como elemento principal.

• *Entreter:* localizado no 22º andar, a obra Entreter consiste na criação de um pequeno parque de diversões, com atrações tradicionais como uma roda gigante, montanha russa e carrossel. As estruturas estáticas deixam o movimento físico para dar espaço ao movimento audiovisual, nas animações que acontecem pelos pontos de luz.

• *NO STRATA:* composta por módulos vibratórios, o None Collective apresenta uma experiência sinestésica de luz, sons e movimento, na qual os visitantes exploram uma paisagem nebulosa e tecnológica. Diante dessa complexa floresta tecnológica, os visitantes são convidados a contemplar a paisagem da cidade, sobrepondo o interior e o exterior do prédio, em uma jornada impactante.

4. Debates

i.O Futuro do (meu, seu, nosso) Trabalho - Fatos e Tendências (10/11 das 11h às 13h): na Arena, Ricardo Basaglia mostrará os dados e estudos assinados pela Michael Page, uma das maiores e mais qualificadas empresas de headhunting do mundo; e Ronaldo Fragoso trará toda a expertise da renomada consultoria Deloitte para nos esclarecer, inspirar e provocar. Com curadoria e apresentação de Alejando Castañé e Ana Carla Fonsela.

ii. Economia Circular - Tudo Se Transforma (24/11 das 11h às 13h): o paulista Guilherme Brammer mostrará como é possível fazer diferente, pensar diferente e consumir diferente, transformando o que muitos veem como resíduo no que a Boomera trabalha como matéria-prima. Também o mexicano Enrique González trará, pela primeira vez no Brasil, a Genius Foods, startup digna do nome, que mescla as últimas tendências gastronômicas com ciência dos alimentos e do mercado. Apresentação de Ana Carla Fonseca e mediação de Alejandro Castañé.

iii. São Paulo em Revista – Reinventando a Cidade (08/12 das 11h às 13h): São Paulo é uma cidade única em desafios e potencialidades, problemas e maravilhas, complexidade e energia. Neste encontro, três pessoas renomadas, vão discorrer sobre a desenvoltura entre o pensamento e a vivência: o arquiteto e urbanista Carlos Leite; o empresário e cientista político Facundo Guerra; e o escritor e andarilho Mauro Calliari. Com apresentação dos curadores Alejandro Castañé e Ana Carla Fonseca (Garimpo de Soluções).

Locação

Você pode também reservar os espaços para algum evento privado. Os espaços são: Hall do Térreo, Arena do 8, Pista do 21, Loft do 25 e Mirante e Café do 26.

Informações

O ingresso para a visita completa do Farol Santander pode ser adquirido a partir de R$10.
Endereço: Rua João Brícola, 24 - Centro, São Paulo - SP

• Funcionamento: Terça a Sábado das 9h às 20h e Domingo das 9h às 19h
• Contato:

Telefone: +55 (11) 3553-5627
E-mail: farolsantander@santander.com.br

Engenheiros célebres Lista

Por Clarissa Mendes, Fernando Ferri, Gabriela Hirata, Juliana Segawa e Karen Kobayashi

Você sabia que o famoso poeta brasileiro Manuel Bandeira foi politécnico? Confira aqui algumas das personalidades famosas do mundo que cursaram Engenharia e você não fazia ideia!

1 Manuel Bandeira (Poli)

Manuel Bandeira foi escritor brasileiro, além de professor, crítico de arte e historiador literário. Iniciou seus estudos em Arquitetura na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, em 1903, mas abandonou o curso devido a questões de saúde.

2 Alfred Hitchcock

Hitchcock, o renomado cineasta dos clássicos do suspense, estudou por um período na School of Engineering and Navigation em Poplar. Alfred também trabalhou brevemente na área antes de entrar para a indústria do cinema em 1920.

3 Ashton Kutcher

Ashton Kutcher, além de modelo e ator americano, consolidou sua carreira no mercado como investidor, atuando ainda como engenheiro de produtos pela Lenovo. Kutcher estudou Engenharia Bioquímica na Universidade de Iowa, mas, após vencer um concurso de beleza, decidiu deixar a faculdade.

3 Marcelo Tas (Poli)

Marcelo Tas é jornalista, escritor e diretor brasileiro, mas se sobressaiu como apresentador. Apesar de ter concluído o curso de Engenharia Civil na Poli, optou por seguir carreira artística no mesmo ano em que se formou.

4 Rowan Atkinson (Mr. Bean)

Rowan Atkinson é ator e comediante inglês, sendo conhecido por seu papel em Mr. Bean. Formou-se em Engenharia Elétrica pela Universidade de New-

castle e cursou mestrado na Universidade de Oxford, quando se interessou pela atuação.

5 Caco Ciocler (Poli)

Caco Ciocler é ator e diretor brasileiro e se destacou em trabalhos na TV, apesar de ter atuado diversas vezes no teatro e no cinema. Estudou até o quarto ano de Engenharia Química na Poli, quando decidiu cursar Artes Cênicas na ECA.

6 Helio de la Peña

Helio de la Peña é ator e humorista brasileiro. Graduou-se em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde deu início ao jornal humorístico Casseta Popular, o que o incentivou a seguir carreira artística e mais tarde originar o programa Casseta & Planeta.

7 Bin Laden

Alguns pesquisadores afirmam que Osama bin Laden é formado em Engenharia Civil e que teria largado a carreira de engenheiro devido ao interesse na religião islâmica. Bin Laden foi fundador e líder da Al-Qaeda, organização terrorista responsável pelo atentado de 11 de setembro

8 Paulo Maluf

Maluf teve sua primeira experiência política durante a graduação em Engenharia Civil na Poli, onde participou do Grêmio Politécnico. Após sua formatura, em 1954, Maluf dedicou-se às empresas da família e posteriormente ingressou na vida política, destacando-se nos cargos de governador e prefeito de São Paulo.

9 Mario Covas

Foi senador, prefeito e governador de São Paulo. Graduou-se em Engenharia Civil pela Poli, onde foi colega daquele que seria no futuro seu maior adversário político, Maluf. Iniciou a carreira política na USP, ao se filiar à União Nacional dos Estudantes.

10 Henrique Meirelles

O atual candidato a presidência do Brasil, ficou conhecido pelos cargos como Ministro da Fazenda e presidente do Banco Central. Meirelles cursou Engenharia Civil na Poli, onde se formou em 1972.

11 Gilberto Kassab

Kassab graduou-se em Engenharia Civil pela Poli e Economia pela FEA, além de ter cursado Introdução à Ciência Política pela Universidade de Brasília (UnB) e Introdução ao Comércio Exterior e Importação pela Fundação Centro de Estudos de Comércio Exterior (Funcex). O político ganhou notoriedade por ter sido prefeito de São Paulo e pela atuação em ministérios.

12 José Serra

Conhecido essencialmente pela atuação política em São Paulo, Serra ingressou na Poli, em 1960, para cursar Engenharia Civil, onde engajou-se em movimentos estudantis e fez parte do Grêmio Politécnico.

Covers Playlist

Por Bruno Costa, Gabriela Hirata, José Mathias e Thiago Tomé

É muito comum, no mundo da música, bandas e artistas regravarem músicas de outros artistas. Algumas vezes, essas regravações ficam tão boas e tão famosas que as pessoas acabam na dúvida sobre a real autoria da mesma. Existem também covers que ficaram muito bons mas não tiraram os créditos da música original.

O que não se pode negar é que existem muitos covers bons por aí, então não devemos deixar de ouvi-los só porque já gostamos, ou não, da música original: muitos deles podem nos surpreender! Montamos então uma lista com vários covers, de estilos diferentes, para vocês perderem essa mania. Essa aqui é uma listinha muito pequena, considerando o número de covers que existem, então não deixem de apreciar outras versões das músicas que vocês já conhecem!

- Iris - Goo Goo Dolls (Boyce Avenue cover)
- Dark Times - The Weeknd feat Ed Sheeran (Jake Sims cover)
- Sweater Weather - The Neighbourhood (KHS cover)
- Better Now - Post Malone (Troye Sivan cover)
- Golden Slumbers - The Beatles (Calum Scott cover)
- Stay - Rihanna (Thirty Seconds To Mars cover)
- Habits - Tove Lo (Scott Bradlee Jukebox cover)
- Blank space - Taylor Swift (Imagine Dragons cover)
- Hit the road Jack - Casey Abrams (Ray Charles cover)
- XO - Beyoncé (John Mayer cover)
- Finesse - Bruno Mars (Pentatonix cover)
- Valerie - Zutons (Amy Winehouse cover)
- Your Song - Elton John (Lady Gaga cover)
- The Climb - Miley Cyrus (Boyce Avenue acoustic cover)
- How You Remind Me -Nickelback (Avril Lavigne cover)
- Summertime Sadness - Lana del Rey (Miley Cyrus cover)
- All About That Bass - Meghan Trainor (Scott Bradlee Jukebox cover)
- Hey Soul Sister - Train (ortoPilot cover)

Confira a playlist em https://spoti.fi/2PFRaGH

Sobrevivência CAEPipoca

Por Beatriz Ferraz, Flavia Barochel, Gabriela Hirata, Lucas Alleotti e Maria Clara Chinen

As atrocidades do Holocausto Nazista e de outros regimes autoritários são um tópico muito recorrente no cinema. Há vários dramas muitíssimo premiados que contam histórias reais ou fictícias de pessoas que enfrentaram tratamentos desumanos e tiveram que lutar por suas vidas. Mais do que de resistência, são histórias de sobrevivência, nas quais os protagonistas precisam achar maneiras de conseguir viver mais um dia, mesmo quando acabam as energias, a esperança e a vontade de continuar. O sucesso de filmes com essa temática talvez seja explicado pela empatia que despertam no público. Analisando o sucesso dessas obras, o questionamento que fica é de como as pessoas têm tanta empatia com personagens fictícios em contextos de décadas atrás e têm cada vez menos empatia com pessoas reais que sofrem com intolerância e com perseguições atualmente.

A conjuntura política do Brasil é um claro exemplo, onde a perseguição ideológica e a discriminação são plataformas de campanha de um dos candidatos mais cotados na corrida presidencial. A intenção da presente coluna é despertar um pouco dessa empatia, que faz tanta falta nos dias de hoje, e também levantar o alerta do massacre que pode acontecer quando a perseguição deixa de ser ideológica e passa a ser institucional. As obras do cinema estão aí para nos comover e nos lembrar que totalitarismo e intolerância devem ficar no passado, nos filmes e nos livros de história.

"Se fere minha existência, eu serei resistência"

1 *A Vida É Bela*

(1997 • Drama • 2h02m)

Ganhador do Oscar de melhor filme estrangeiro em 1999, A Vida É Bela é talvez um dos filmes mais emocionantes já feitos. A obra italiana, dirigida, escrita e protagonizada pelo genial Roberto Benigni é uma pura arte. A história gira em torno de Guido, um judeu italiano dono de uma livraria. A primeira metade do filme é um apaixonante romance: a história de como Guido conquistou sua futura esposa, Dora. A segunda metade, o auge da trama, que se passa alguns anos depois, trata da deportação de Guido e de seu filho para um campo de concentração nazista. No campo, Guido tenta proteger o menino dos horrores nazistas, criando um jogo fictício onde o objetivo é não ser pego pelos guardas. O pai cria um complexo sistema de pontos nesse jogo, tudo para motivar a criança a continuar resistindo às adversidades da vida como prisioneiro. O roteiro é sensível e delicado, realmente romanceando a relação paternal numa situação tão extrema. O filme comove muito, e as atuações dos três principais atores (pai, mãe e filho) emocionam qualquer um. É um filme de denúncia dos horrores do holocausto, mas ao mesmo tempo sua narrativa não é extremamente chocante ou melancólica, possuindo um clima de amor e de família que faz jus ao título "A Vida É Bela".

2 *O Pianista*

(2002 • Drama • 2h30m)

Ao contrário de A Vida É Bela, O Pianista é um filme que de fato possui um clima muito triste e pesado. Conta a história real de Władysław Szpilman, um pianista polonês morador de Varsóvia. O filme é um dos mais realistas no que diz respeito a retratar as perseguições sofridas pelos judeus na Europa, especialmente na Polônia, no Holocausto. Primeiro, o protagonista e sua família se veem forçados a morar no Gueto de Varsóvia, um bairro fechado, superlotado e miserável, onde todos os judeus de Varsóvia foram obrigados a viver durante os primeiros anos de ocupação. Quando começam as deportações para campos de concentração, o pianista é separado da sua família e começa a traçar sozinho sua trajetória de luta pela vida. O filme é muito especial por fugir da narrativa clássica do Holocausto, sempre retratado por campos de concentração (especialmente Auschwitz). Em O

Pianista, a jornada de Wladyslaw é fundamentalmente um ciclo: esconder-se, assumir riscos e ter que mudar de localização para sobreviver. O roteiro tem diversos momentos de clímax e de tensão, onde o protagonista se vê cara a cara com a morte, fica sozinho e precisa confiar em completos desconhecidos para evitar que seu fim seja igual ao de tantos outros judeus que ele encontra e desencontra durante os anos de guerra.

3 *A Lista de Schindler*

(1993 • Drama • 3h15m)

Talvez o melhor filme de Steven Spielberg. Nessa obra o diretor deixa de lado suas famosas cenas romantizadas e otimistas, para apresentar um cenário duro, triste e melancólico, o que faz sentido para a época retratada. Oskar Schindler era um empresário oportunista e sedutor, que geria uma fábrica de munição e de esmalte, e lidava muito bem com o governo nazista. Passou a utilizar os judeus como mão de obra barata mas, o que a princípio poderia ser um abuso dos judeus, passou a ser um dos métodos que salvou mais de mil judeus durante o nazismo. Junto com seu fiel companheiro Itzhak Stern, Oskar fazia listas e listas contratando judeus para que não fosse chamados para os campos de concentração. O filme, apesar de ter um final "feliz", não é nada feliz. A trama acompanha a evolução do nazismo e todo o terror, mostrando o sofrimento dos judeus em todas as fases, desde a humilhação no começo até o holocausto. O filme é tecnicamente impecável. A escolha de uma fotografia em preto e branco encaixa com o momento triste e pesado vivido, um momento sem cor. Quando utilizadas, as cores formam incríveis metáforas, como numa cena em que uma única menina está em vermelho e se esconde, simbolizando que o amor e o sentimento do mundo fugiram diante de tanto terror. O jogo de luzes também põe cada local e personagem no seu devido lugar: escuridão para a chegada em Auschwitz enquanto claridade para cenas na fábrica. O filme é uma obra-prima do começo ao fim, com pequenos toques de documentário. São 3 horas sem conseguir desgrudar a cara da tela que Spielberg rege com maestria. Nunca possuindo momentos leves. É sempre angustiante, tenso e horrível diante dos abusos e das atrocidades cometidas pelos nazistas. O ator de Schindler monta muito bem um personagem que vai mudando, se sensibilizando e se aproximando dos judeus. Porém, Spielberg deixa claro no final que a história não é sobre como ele foi um "salvador", mas é sobre a resistência de todos aqueles judeus durante todo o tempo, pois eles foram responsáveis por salvar suas próprias vidas.

4 *Os Meninos Que Enganavam Nazistas*

(2017 • Drama • 1h53m)

Durante a segunda guerra mundial, o filme acompanha a história de dois irmãos judeus em uma França que vai sendo ocupada pela força Nazista. Tendo que abandonar sua família, os dois irmãos perdem de repente sua liberdade e sua infância e são forçados a alcançarem uma maturidade precoce para sobreviver na guerra meio a perseguição aos judeus. O filme mostra as diversas aventuras dos irmãos para sobreviver, destacando suas escolhas realizadas durante o caminho. Algumas vezes com um tom humorístico, como quando os irmãos tinham que literalmente "enganar" nazistas, o filme nunca deixa de mostrar a dura realidade e o horror da época. Os irmãos atravessam a França, passam por diversas situações para escapar das mãos nazistas, e nos mostram o que foi a guerra no país pelos olhos de crianças. Muitas vezes, o filme também apresenta as situações de maneira sensível, mostrando não só como a amizade e o amor entre os dois era uma força importante para a sobrevivência, mas também que ainda restava bondade em algumas pessoas que lhes ajudaram a se esconder durante o caminho. O filme termina com um belo toque de "fé na humanidade", retratando que possuímos a capacidade de perdoar independente de classe ou raça. Durante o filme, há lindas imagens e metáforas, como o saco de bolinhas de gude dos meninos, que demonstra esse amadurecimento precoce, além de uma bela fotografia nos morros e paisagens do interior da França. O filme é lindo e emocionante até o final.

5 *Machuca*
(2004 • Drama histórico • 2h01m)

Machuca é um filme ambientado no Chile durante a ditadura Pinochet. A história se passa na transição do governo de Allende para o de Pinochet, quando uma escola particular religiosa de elite abre as portas para as crianças de baixa renda. Nesse momento, Pedro Machuca e Gonzalo Infante, crianças de dois mundos completamente diferentes, se encontram e começam uma amizade improvável numa época marcada pela violência e pela marginalização. A história alterna entre momentos de humor e momentos de tensão, quando a realidade da ditadura interfere na amizade dos dois à medida que fica explícito o acirramento da luta de classes. Nesse filme, encontramos a mais simples forma de resistência: o amor dos dois, a simples inocência de querer ser criança que não conseguir explicar o porquê de tanta discriminação, o porquê de não poderem brincar juntos, o porquê do momento em que viviam. O filme mistura a tensão da realidade que lhes foi imposta com as transformações típicas dessa idade e suas novas descobertas, como o primeiro beijo. O filme deixa bem claro os choques de realidade entre os dois mundos, mas também o esforço dos dois amigos para superar essas barreiras que vão surgindo. É nesses momentos que o filme ganha beleza e se torna um dos mais bonitos filmes latino-americanos.

6 *A Onda*
(2008 • Drama/Thriller • 1h47m)

Inspirado em um episódio real ocorrido em 1967 nos Estado Unidos, no qual um professor buscou exemplificar aos alunos como se deu o movimento nazista, o filme A Onda contextualizou a mesma experiência na Alemanha contemporânea. A obra conta a história de Rainer Wenger, um professor anarquista que, contra sua vontade, foi selecionado para lecionar o curso sobre autocracia. Quando, durante a aula, um aluno o questiona sobre a possibilidade de surgir um regime autoritário novamente, Rainer inicia uma experiência, buscando mostrar como ocorre a manipulação de massas. O professor, então, estabelece regras dentro da sala de aula, determinando um uniforme e uma saudação, unindo os estudantes em um movimento que eles nomearam de "a Onda". O filme ainda aborda dois tipos de posicionamento, o de Karo e o de Mona, que se opõem à Onda; e o de Tim, que adere ao grupo radicalmente, apresentando mudança de comportamento e radicalização conforme cresce o movimento. No entanto, a simulação foge do ambiente da sala de aula, espalhando-se pela cidade e se tornando cada vez mais violenta, o que resulta na tentativa do próprio Rainer em acabar com o movimento, uma decisão talvez tomada tarde demais.

7 *Olga*
(2004 • Drama/Romance • 2h 21m)

O filme brasileiro Olga é uma adaptação cinematográfica do livro de mesmo nome, escrito Fernando Morais, baseado na história real de Olga Benário. Nascida em Munique, no início do século XX, Olga é uma judia que desde jovem fez parte da militância comunista, motivo que a fez buscar refúgio em Moscou, onde recebeu treinamento militar. Lá, a protagonista conhece o brasileiro Luís Carlos Prestes e é encarregada de acompanhá-lo em uma viagem de volta da Rússia para o Brasil, onde os dois se apaixonam. Desse modo, o longa acompanha o romance e a batalha pela sobrevivência do casal em meio à perseguição aos comunistas na década de 30 no país. Ainda que tenha um

foco maior na relação que surge entre Olga e Prestes, o filme não esconde as brutalidades repressoras cometidas contra os comunistas e os judeus, tanto no Brasil quanto na Alemanha.

8 *Zuzu Angel*

(2006 • Drama • 1h48m)

Zuzu Angel é um filme muito importante para o momento vivido no Brasil, pois nos lembra o que foi a terrível época da ditadura militar no Brasil e os horrores que esta trouxe para diversas famílias do nosso país que lutaram contra o regime ditatorial e suas atrocidades em busca da verdade. Baseado em uma história real, conta como a estilista Zuzu Angel, famosa na época, se tornou uma ativista pela verdade durante o regime, depois que seu filho, um militante de esquerda, desapareceu após ser preso e torturado pelo exército. Zuzu entra numa luta, primeiramente burocrática para encontrar o seu filho, e depois em uma luta no papel, para expor o exército e tudo que escondiam na época, sendo muito importante na divulgação do que estava acontecendo no Brasil para o resto do mundo. Apesar de não ser um filme tecnicamente excepcional, cumpre o básico. Porém, se mantém muito preso aos diálogos para desenvolver a ideia central e transmitir a mensagem para os telespectadores. Mesmo assim, vale a pena ver para sentir a dor de uma mãe que perde um filho para a ditadura, para assim não nos esquecermos do que um governo que prega o ódio pode trazer para o nosso país.

9 *Panteras Negras*

(1995 • Comédia dramática • 2h01m)

Panteras Negras é um filme que carrega o sentimento de injustiça e de desigualdade. Dirigido por Mario Van Peebles, conta a trajetória do grupo negro antifascista surgido na década de 60 nos Estados Unidos. A trama inicia-se com a morte de um garoto negro, atropelado em um cruzamento com o semáforo quebrado na pequena cidade de Oakland, Califórnia. A população local inicia uma vigília pacífica, que é violentamente atacada pela polícia. Com isso, um grupo de jovens imbuídos por idéias de Malcolm X cria os Panteras Negras, com atuação de resistência negra às injustiças da sociedade sectária e desigual. O radicalismo do recorte de Van Peebles recebeu inúmeras críticas, das mais positivas à pura reprovação. De qualquer forma, é impossível assisti-lo sem tomar um partido e sentir a indignação daqueles jovens.

Extra: sugestão de leituras

Há outras três obras muito relevantes quando se fala de sobrevivência, principalmente no contexto do Holocausto. Nesses casos específicos, recomendamos a leitura dos livros antes de assistir aos seus respectivos filmes, que também são bons, mas não emocionam do mesmo jeito que as obras literárias que os inspiraram.

- "A Menina que Roubava Livros" - Markus Zusak
- "O Menino do Pijama Listrado" - John Boyne
- "O Diário de Anne Frank" - Anne Frank

Brooklyn Nine-Nine

Série da vez

Por Fernando Ferri, Giulia Fuji e Lucas Alleotti

Brooklyn Nine-Nine é uma sitcom que acompanha o dia a dia de uma delegacia em Nova York a partir dos detetives, seu capitão e sua secretária. A série de comédia foca nos casos que os detetives resolvem e nos seus problemas cotidianos, apresentando temas polêmicos com muito humor na medida certa. O seriado é produzido por Dan Goor (Parks and Recreation) e Michael Schur (The Office), que também assumem a produção executiva, e ainda inclui grandes nomes como Andy Samberg (Saturday Night Live), que além de atuar, participa como diretor de criação; Terry Crews (Todo Mundo Odeia o Chris); entre outros.

Brooklyn Nine-Nine consegue misturar comédia com investigações criminais em doses ideais. As piadas têm um timing perfeito, sem serem ofensivas, mesmo abordando assuntos sérios. Apesar de ser uma sátira a programas policiais tradicionais, a série consegue envolver os espectadores com suas narrativas de perseguição policial e com personagens extremamente bem construídos.

Mais especificamente sobre os personagens, o seriado consegue trazer representatividade, sem se limitar a tokenismos - isto é, a prática de incluir apenas um representante de cada minoria como padrão para todo o grupo. Em Brooklyn Nine-Nine, nos deparamos com duas mulheres latinas de personalidades extremamente diferentes, sendo uma delas considerada uma das melhores policiais da delegacia, além de dois homens negros com perspectivas também profundamente distintas, e não só porque um deles é hétero e o outro é gay. Vale ressaltar que esses personagens não são estereotipados de forma alguma, tendo cada um sua individualidade.

Ainda, apesar da série apresentar a equipe policial perfeita, ela faz questão de mostrar que o universo policial não é assim, abordando assuntos delicados com extrema sensibilidade. Brooklyn Nine-Nine ainda merece uma atenção especial, porque vem se mostrando como uma série que cresce ao longo das temporadas. Na primeira temporada ainda é possível ver algumas piadas de mau gosto ou abordagens não tão positivas, mas conforme o enredo vai se construindo é notável que a série passa a se tornar cada vez mais consciente.

Além disso, a série vem acumulando várias indicações aos prêmios importantes da TV. No Emmy, Andre Braugher (Captain Holt) foi indicado como melhor ator coadjuvante em série de comédia por três anos consecutivos. Já no Globo de Ouro a série conquistou duas estatuetas: melhor série de comédia e melhor ator em série de comédia (Andy Samberg, o Jake Peralta).

Brooklyn Nine-Nine é sem sombra de dúvida uma das melhores comédias da atualidade (se não a melhor). Suas sacadas geniais, seu enredo criminal empolgante e seus personagens incríveis são só algumas das razões que fazem a série cativar tantas pessoas.

A 6ª temporada de Brooklyn Nine-Nine está prevista apenas para o primeiro semestre de 2019 e terá 18 episódios. No Brasil, o programa é transmitido pelo canal pago TBS e também está disponível na Netflix, que disponibiliza as 4 primeiras temporadas, enquanto a 5ª tem previsão de ser adicionada em janeiro de 2019.

Cuscuz de tapioca

CAEPanela

Por Bruna Soares, José Mathias e Karen Kobayashi

Ingredientes

- 500g de tapioca em grãos;
- 1 xícara (chá) de açúcar;
- 1 pacote de coco ralado;
- 1 pitada de sal;
- 6 xícaras (chá) de leite;
- leite condensado a gosto (opcional).

Modo de preparo

1. Em uma tigela, coloque o açúcar, o coco, a tapioca e o leite. Misture bem e deixe descansar por 5 minutos;
2. Misture a cada 5 minutos para hidratar bem, até completar meia hora;
3. Coloque em uma vasilha retangular e deixe inchar. Depois leve para gelar, corte em pedaços e decore com coco ralado;
4. Regue com leite condensado, se desejar.

Ateliê

Por Kisu

https://www.facebook.com/kisutastic/

Liga ponto Joguinho

Por Matheus Mansour

Décima quinta edição
25 de Outubro de 2018
Centro Acadêmico da Engenharia de Produção
Escola Politécnica - USP

Design por Marcela Okuyama
Diagramação por Clarissa Mendes
Direção por Fernando Ferri
Revisão por Beatriz Ferraz, Fernando Ferri, Gabriela Hirata, Giulia Ribeiro, Juliana Segawa, Karen Kobayashi Luiza Velloso e Viviane Mielli